



CONTO DE TRADIÇÃO ORAL: UM DOSSIÊ DE UMA PRÁTICA INTERDISCIPLINAR EM AULA DE CIÊNCIA

Diana Gonçalves Santos¹

RESUMO

O presente trabalho descreve uma sequência didática que foi desenvolvida durante a pesquisa de mestrado com quinze estudantes do 4º ano, da Instituição de Ensino Monsenhor Azevedo, localizado na Cidade de Belém/Pá. Trata-se de um ensino de ciências no contexto interdisciplinar que teve como objetivo fazer um dossiê do resgate dos contos tradicionais da região amazônica por meio da narrativa do Boto Cor de Rosa, bem como introduzir a questão da preservação da espécie aquática e a questão do cuidado ambiental dos rios e florestas. A proposta permitiu que os estudantes ressaltassem suas inquietações contribuindo para que os mesmos adquirissem posturas de cidadania social e educação ambiental.

Palavra- Chaves: Ensino interdisciplinar; Educação ambiental; Conto amazônico.

ORAL TRADITION TALE: A DOSSIER OF AN INTERDISCIPLINARY PRACTICE IN A CLASS OF SCIENCE

ABSTRACT

The present work describes a didactic sequence that was developed during the master's research with fifteen students of the 4th year of the Monsenhor Azevedo Institution, located in the city of Belém / Pá. The text talks about a science teaching in the interdisciplinary context that had as objective to make a dossier of the rescue of the traditional tales of the Amazon region through the narrative of the Boto color Rosa, as well as to introduce the question of the preservation of the aquatic species and the question of the Environmental care of rivers and forests. The proposal allowed the students to highlight their concerns by helping them to acquire positions of social citizenship and environmental education.

Keywords: Interdisciplinary teaching; Environmental education; Amazonian tale

¹ Mestra em Educação em Ciências e Matemáticas pelo Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências e Matemáticas do Instituto de Educação Matemática e Científica – Universidade Federal do Pará; dianasantos07@gmail.com

INTRODUÇÃO

O ensino de ciência vem se destacando cada vez mais com os saberes tradicionais, principalmente incluindo na grande curricular do ensino, aqueles que por muito tempo foram esquecidos e não dado o devido valor, que são as pessoas oriundas das localidades ribeirinhas, estas são possuidoras de grandes sabedorias, seja na cura com os medicamentos tradicionais que são as ervas da mata, a culinária que é produzido do próprio cultivo das hortaliças, do plantio na agricultura, das receitas antigas herdadas de seus antepassados, dos contos tradicionais que faziam com que as pessoas tivessem o respeito pelo meio ambiente e seus principais protetores místicos de determinado ambiente natural etc.

Diante disso, para que o ensino priorize um novo processo de ensinar ciência, é necessário que o educador dei oportunidade para o estudante se expressar, fazendo com que o mesmo ressalte sua dúvida e inquietação, haja vista que, esse processo de ensino permite a interdisciplinaridade e transdisciplinaridade, que é uma ramificação entre as ciências, logo, o professor não se prende a um único conteúdo de ensino e sim pode trabalhar tanto o processo de alfabetização, como os conceitos específicos da ciência falando sobre o meio ambiente da fauna e flora, da geografia local do território em destaque no ensino, é assim por diante.

Nesta perspectiva, a proposta de ensino buscou mostrar o quanto é importante escutar nossos estudantes no momento de exposição de uma aula, tal oportunidade permitiu desenvolver a seqüência didática falando sobre o valor de se preservar os rios e umas das espécies bastante conhecida em nossa região amazônica o Boto cor de Rosa, para isso buscou-se fazer um estudo teórico de como esse processo místico povoou o imaginário ribeirinho CAMPOS (2015), LOUREIRO (2001) e como o ensino de ciência vem sido pensado nessa linha de estudo interdisciplinar e transdisciplinar, LOPES (1998), SILVIO GALLO (2000).

Trabalhar com a cultura, o meio ambiente e as subjetividade dos indivíduos que vivem isolados pelos rios de nossa região amazônica, nos fazem perceber que devemos valorizar o todo e não somente as partes, como educadores não podemos ficar impregnados de nossas verdades e sim abrir

nossos horizontes para novos conhecimentos ampliando o leque do saber, logo, vivemos em um constante processo de aprender a aprender, com nossos alunos, em novas formações, na observação com o outro e com o mundo.

SOBRE A EDUCAÇÃO AMBIENTAL COM A LIGAÇÃO DE SABER TRADICIONAL AMAZÔNICO: ALGUMAS PONTUAÇÕES

O processo de colonização no continente brasileiro trouxe consigo perdas irreparáveis para nossa cultura, meio ambiente, e diversidades culturais que os povos indígenas representavam em nosso continente. Foram 500 anos de escravidão, que se configuraram em catequização, miscigenação e dizimação de diversos povos nativos, e negros, que foram submetidos ao processo de servidão do homem branco.

Essas mudanças também foram geradas no meio ambiente, a cada momento que o homem descobria territórios que continham especiarias, recursos minerais como: vegetações ricas em proteínas para a medicina, a seringueira com propósito de extração do látex, o magno para confecção de moveis, ouro, pedras preciosas, petróleo, bauxita, manganês etc. Estes processos de exploração dos recursos minerais causavam danos irreparáveis para o ambiente que se configura no desmatamento, na perda da biodiversidade animal e vegetal, erosão do solo por conta das crateras criadas para extração de minérios preciosos etc.

É bem verdade, que os recursos naturais sempre foram meio de sustentabilidade do ser humano, mas antes do processo da colonização européia Portuguesa, os povos ditos primitivistas os “indígenas” viviam de maneira que respeitavam tanto o meio ambiente, como sua própria cultura, retiravam apenas o que era necessário para sua sobrevivência e de sua família, pois estes povos acreditavam que em cada espaço ambiental tinha seus protetores místicos. Campos vêm mostrar como esses povos viviam e valorizavam suas crenças (2015):

Vivendo em grupo nas tabas- aldeias constituídas por ocas de troncos e de folhas de palmeira, andando nus ou vestidos com pequenas tangas, conhecendo a tecelagem e construindo canoas e jangadas, pescando e caçando, acreditando em num deus bom e num mau espírito, Assim foram os indígenas Brasileiros encontrados pelos descobridores Europeus (CAMPOS, 2015.p. 09).

Esses povos mantinham sua cultura, seus costumes que eram guiados pelos seus deuses espíritos, que os faziam crerem que todos os espaços na terra tinham sua proteção, em seus respectivos horários para serem retirados os alimentos que eram próprio para o sustento dos homens. Porém, após os primeiros contatos que os indígenas tiveram com os Portugueses em terras brasileiras, em 1500, começou haver uma mudança no comportamento já com um processo de estranheza e trocas de presente, como foi redigida por Pedro Vaz de Caminha a carta ao rei D. Manoel I, afirmando: “*Essa gente e boa, de boa simplicidade imprimir-se-á ligeiramente neles qualquer cunho que lhe quiserem dar*”, (CAMPOS, 2015).

Porém, não demorou muito para que esse contato amistoso se tornasse em uma espécie de escravidão e posse. A cultura que era de inteiro cuidado e respeito com o meio ambiente e as demais tribos, fosse rompido pelo desejo de posse e poder dos portugueses quando inicia a exploração do pau-brasil².

Como é sabido, o processo de educação ambiental tem varias vertentes que se propagaram em cada espaço que sofreram é sofrem com as conseqüências dos impactos causados pela ação do homem e das mudanças climáticas. Assim, a primeira ação de derrubada de madeira no Brasil teve inicio em 1872, em que a princesa Isabel assinava a primeira autorização para operação de empresa privada em corte de madeira. “O ciclo do pau-brasil encerrou-se em 1875 com o abandono das matas exauridas,” Dias (1992, p.31).

O processo de educação ambiental no Brasil teve início na década de 1970, com a modernidade, quando a mão de obra humana foi substituída pelas máquinas, e, com isso, diferentes problemas foram surgindo em torno do desenvolvimento tecnológico, que se propagou nas cidades e no campo, logo, criou-se uma agenda ambiental em 1977, elaborada pelo ministério do meio ambiente, dos recursos hídricos que visava à diversidade com o desafio da realidade apontado para valorização da população; urbana do campo, ribeirinhos, indígena e tradicional, Maciel (2003).

² Pau-brasil é o nome genérico que se atribui a várias espécies de árvores do gênero *Caesalpinia* presentes na região da Mata Atlântica brasileira. O nome de nosso país teve origem nesta árvore. Uma das características mais importantes do pau-brasil é a madeira pesada com a presença interna de um extrato que gera uma espécie de tinta vermelha. Por ser de alta qualidade, a madeira desta árvore é muito usada na fabricação de instrumentos musicais como, por exemplo, violinos, harpas e violas, (BUENO, 2004.p.01).

Esses problemas que foram surgindo mobilizaram organizações de proteção ao meio ambiente e o poder público, para repensarem uma nova estratégia de como retirar os recursos minerais das áreas de vegetação e nas proximidades das comunidades indígenas e ribeirinhas, sem causar danos às áreas ambientais utilizando modernos sistemas tecnológicos de modo que, preservasse as vidas existentes nos diversos espaços ambientais.

A biodiversidade transformou-se nos dos mais palpitantes temas da atualidade. Embora ainda se denote que as florestas tropicais da Amazônia sejam o “*pulmão do mundo*”, não poderia haver termo mais equivocado que esse, a floresta retira oxigênio e libera gás carbônico. Sabemos que esse processo de fotossíntese que é fabricado o oxigênio bom pela floresta Amazônica, não é suficiente para manter a composição química da atmosfera, existe vários fatores como os organismos que compõem a natureza, Loureiro et al (2011), vem nos mostrar as possibilidades.

Uma biodiversidade rica responde pelo bom funcionamento dos processos vitais e pela saúde dos ecossistemas. Além do mais, muitos são os segredos que ela oculta. Uma infinidade de espécie que ainda não foram estudadas, é que algumas ainda permanecem desconhecidas dos estudiosos (LOUREIRO et al, 2011.p. 48).

Apesar de muito já ter sido explorado as matas e os rios, ainda temos algumas florestas e lugares que ainda não foram tocadas pelo homem, sabe-se que existem comunidades ribeirinhas e rurais que vivem nestes lugares, em estado de grande simplicidade, algumas famílias ainda tentam cultivar os saberes tradicionais que foram repassados pelos seus antepassados em virtude de preservar a cultura e seu meio ambiente natural de rios, florestas, animais etc.

Para isso, ainda cultuam seus contos tradicionais usando como argumentos, os protetores místicos que protegem a natureza, e estes se fazem presentes constantemente nos relatos daqueles que viveram ou vivem nessas localidades, que compartilham com seus filhos as histórias que aconteciam na localidade, como os contos e costumes regionais, enfatizando o respeito e o temor que tinham do tempo que permaneciam caçando nas matas ou pescando nos rios, ressaltando a valorização da crença de que cada espaço tem sua proteção espiritual e ambiental por determinada entidade.

As ações intervencionistas que são voltadas para a preservação e conservação do contexto histórico e cultural dessas localidades devem ser revistas e analisadas com mais cautela, para que a comunidade não deixe em segundo plano o saber tradicional que é repassado de geração em geração por meio da oralidade. Esse saber tradicional pode ser observado nas dúvidas e inquietações que surge a respeito dos medicamentos caseiros, nas respostas que os ribeirinhos têm para os acontecimentos sobrenaturais, e nas curas repentinas, com uso de ervas da mata.

Portanto, o estudo do meio ambiente tem que ser sim, reforçado no âmbito escolar da educação básica, nas universidades e demais instituições que se favorece o aprendizado sobre os recursos naturais e a importância dele para as gerações futuras, haja vista que, ações educativas dessa natureza não devem somente esta pautada no plano ecológico, mais como político, cultural, social e ético determinando a relação do homem com a natureza, permitindo assim, mobilizar o desenvolvimento de uma sociedade cidadã é crítica de seu papel consigo e com os futuros habitantes que ainda irão viver no planeta.

NOTAS SOBRE: UM ENSINO DE CIÊNCIA INTERDISCIPLINAR

A ciência teve seu ápice na idade moderna, já que os nomes que são mais exaltados são de Galileu Galilei (1564-1642) e de René Descartes (1596-1650), quando se fala sobre os problemas que são propagados na ciência. Galileu teve seu reconhecimento por se destacar como o pai da física. Descartes teve seu reconhecimento como o criador dos polinômios, sendo também considerando como pioneiro da óptica geométrica, em que teve a parceria de Pierre Fermat (1601- 1665) para o desenvolvimento da geometria analítica, outros pensadores que se destacaram por sua contribuição com a ciência foi Isaac Newton (1642- 1725) que analisou a estrutura da luz branca, e contribuiu também com as famosas leis da gravitação (SHINN, 2008).

Sendo assim, a lista de pensadores que contribuíram e vem contribuindo com o desenvolvimento da ciência, têm crescido tanto em relação aos fenômenos que são produzidos socialmente, culturalmente, no ambiente, na política, na tecnologia, na educação etc. sabe que os paradigmas que envolvem a ciência sofrem rupturas e em cada época os estudiosos, buscam

resolver ou analisar determinado fenômeno que aparece no processo de viver na sociedade e no mundo.

Dessa forma, o presente estudo foi direcionado nos estudos de Lopes (1998), Santos (2001) e Gallo (2000), no que tange a reflexão sobre as mudanças no currículo da educação básica e no ensino de ciências, que permitem na atualidade fazer o deslocamento do ensino das demais disciplinas escolares por meio do discurso oral, empregado sobre os aspectos sociais e culturais que envolvem a aprendizagem.

Muito se fala em um currículo inovador para o ensino de ciências na educação básica, porém o questionamento está pautado em como modificar todo um sistema educacional que foi estabelecido durante décadas pelos poderes públicos federal, estadual e municipal. O trabalho vem sendo feito nas escolas a partir de pequenas práticas educativas, por meio de ensino que podem ser transversalizado com os saberes culturais por meio da língua materna. Assim, Silvio Gallo (2000) vem mostra a importância de valorizar o uso da língua materna para articulação dos saberes que pode ser empregado no ensino escolar.

Além da língua materna, outras ainda podem ser trabalhadas, garantindo um aprofundamento do conhecimento da própria língua original e abrindo novas perspectivas. Por outro lado, temos a linguagem matemática, que é imprescindível para a comunicação científica. Ajuda na articulação lógica das mensagens como um todo e abre caminho para a apreensão dos conhecimentos científicos, o desvendarem os segredos do mundo (SILVIO GALLO, 2000.p.18).

É bem verdade que fazer uso dos conhecimentos no ensino escolar por meio do uso da língua materna, permite navegar em outros saberes que não são explicitados nas disciplinas escolares, logo, permitindo fazer a ligação dos diversos conhecimentos por meio de um ensino interdisciplinar, a prática de navegar pelos ensinamentos culturais, nos movem a transversalizar o ensino por meio de outras disciplinas, que envolvem a ciência, meio ambiente, linguagem, histórias etc.

Nesse contexto o ensino interdisciplinar é conceituado por Gallo (2000) como uma estrutura, composta, linearizada, ou unificada. Todas essas adjetivações denotam diferentes naturezas de compreensão da questão e tenta praticar um trânsito profícuo por entre as diferentes disciplinas.

A Ciência é um conhecimento importante para o entendimento da própria condição humana. Dessa forma, a escola deve levar esse saber com motivação, criatividade e inventividade, no que se referem à interdisciplinaridade no ensino. Lopes (1998, p. 12) nos aponta que: *“É preciso que a escola proporcione aos estudantes instrumentos de conhecimento que lhe possibilitem uma reflexão sobre as constantes mudanças sociais e o prepare para o exercício pleno da cidadania”*.

Os saberes científicos devem entrar nas escolas relacionadas com as questões sociais e tecnológicas que hoje em dia é pulsante na sociedade. A ciência como saber não se isola da vida e da condição humana. É importante notar que quando a ciência entra na escola, principalmente com alunos da educação básica em que os professores deixam participar nas discussões direcionadas nas aulas de ciências, o envolvimento se torna rico e significativo para aprendizagem.

Dessa forma, é fundamental que o educador de ciência tenha empenho e interesse para ensinar ciências às crianças, buscando interações, materiais de qualidade, boas ilustrações de imagem, boas informações, propostas de atividades lúdicas que levem as crianças a pensar sobre determinado assunto científico, permitindo que as mesmas levantem questões, conectem esses saberes com outras questões, inclusive cotidianas de sua realidade local, possibilitando estimular sua capacidade criativa.

AULA DE CIÊNCIA: UMA PROPOSTA DIDÁTICA COM USO DO CONTO BOTO COR DE ROSA

Em nenhum momento essa proposta didática relacionada ao ensino de ciências tem a ousadia de se colocar como um modelo de ensino. Antes, estamos ressaltando a possibilidade de trabalhar a ciência com crianças da educação básica, com base nos saberes tradicionais da lenda do Boto cor de Rosa, em uma perspectiva interdisciplinar.

O trabalho é direcionado a partir do desenvolvimento da pesquisa de mestrado, logo, buscou-se as observações sistemáticas de fatos, seguidos das realizações de experiências das deduções lógicas e relatos observados, bem como na comprovação científica dos resultados obtidos (SEVERINO, 2014).

A metodologia foi desenvolvida com quinze estudantes da educação básica, da escola Regime de convênio Monsenhor Azevedo. Sendo estes estudantes oriundos da ilha do Combu, que fica situado às margens do rio Guamá em Belém/Pá. Assim o método se configura e uma proposta qualitativa que motivou em fazer um dossiê sobre as questões ambientais da região ribeirinha que residem os estudantes. A pesquisa qualitativa segundo Godoy (1995) diz que:

A pesquisa qualitativa não procura enumerar e/ ou medir os eventos estudados, nem emprega instrumental estatístico na análise dos dados. Parte de questões ou focos de interesses amplos, que vão se definindo à medida que o estudo se desenvolve. Envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo (Godoy, 1995p. 58).

Dessa forma, procuramos adequar os recursos didáticos, para ter um contato direto com os sujeitos envolvidos na pesquisa, bem como, analisar e refletir sobre os dados extraídos das atividades dos sujeitos, os recursos utilizados foram; caderno de campo, câmera, computador, amplificador de som, caixa de som, vídeo, lápis de cor, borracha, caneta, papel A4, régua, cartolina etc. todos estes materiais foram de extrema importância para produção das atividades, esclarecendo da importância de organização do material e da observação da pesquisa que: “*Consiste no registro da prática de interação e comunicação, bem como na análise desse material investigado*” (Michael, 2009.p.08).

A seguir trataremos de apresentar o processo de resultados e discussões obtidas em torno da seqüência didática da pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÕES: O QUE ESPERÁVAMOS?

A seqüência didática busca valorizar os saberes que os estudantes trazem para o ambiente escolar, ressaltando que a cultura local é muito importante para se trabalhar a transversalização entre as ciências, os assuntos relacionados ao cotidiano desperta a reflexão e a mobilização para ações sociais e ambientais em torno das atividades proposta, a mesma foi desenvolvida em dois dias seguidos de quatro horas aulas.

Assim, a primeira sequência de aula iniciou-se com uma breve discussão com os estudantes sobre a preservação de algumas espécies animais e vegetais que correm risco de extinção por ser foco de exportação para o exterior, as vegetações sofrem com as constantes queimadas e derrubadas das árvores ocasionado por grileiros e madeireiros que utilizam o recurso do ambiente com um único fim, o comércio ilegal de madeira e exportação para o exterior e de espécie silvestre e vegetal, esses danos ao meio vegetal causam grandes danos de erosão no solo e a seca de diversos rios.

Após a exposição da aula, os estudantes começaram a relatar fatos que ocorreram na região da ilha do Combu, de onde são residentes tais como; que derrubam muitas árvores na região para o plantio do açaí, é por esse fato, muitas nascentes que tinham na ilha foram desaparecendo, assim como algumas espécies aquáticas tal como uma que é bastante típica do rio da Amazônia o Boto cor de Rosa, cujo seu nome científico é denominado "*Iniageoffrensis*". Essa espécie estava sendo foco de caça predatória para retirar sua carne e servi de isca para outra espécie de peixe bastante conhecida da região a douradinha.

Diante dos argumentos dos estudantes começamos a trabalhar, na elaboração de uma carta para o secretário do meio ambiente, para esclarecer os problemas ambientais que estavam ocorrendo nesta região das ilhas que ficam afastadas do centro da cidade, assim, os estudantes alegaram nunca terem escrito uma carta, dessa forma não saberiam como fazer.

Diante disso, trabalhamos o gênero carta e apresentou-se um vídeo, que trata da *matança de boto na Amazônia* (2012), bem como a leitura do conto do boto, narrada no livro "Lendas e Mitos da Amazônia", de Ararê Bezerra (1985) a fim de mostrar o encanto que circula em torno das histórias desse animal, na Amazônia.

Tratamos de explicar os dois tipos de linguagem que poderiam ser empregados no texto, formal e informal, no caso, esclarecendo para quem a carta se destinaria (cidade, órgão, autoridade), qual a saudação inicial que se emprega no texto, como se colocar a data, quem seria o remetente, e como seria feita a despedida na finalização da carta, logo, SANTOS (2014, p.05)

mostra Que; “o professor deve ser um agente de letramento, agindo com métodos diferenciados em prol da coletividade, com o objetivo específico de beneficiar e atribuir aos estudantes o sentido da palavra escrita”.

Após todas as exposição e apresentação de como escrever uma carta ao se dirigir a uma autoridade do governo. No segundo dia de aula, os estudantes dissertaram suas cartas mostrando suas preocupações, bem como, as lembranças das histórias contadas pelos seus avós de como era o ambiente onde residem antes do processo tecnológico e saneamento básico adentrarem em algumas localidades da ilha do Combu, como vem especificado na carta e no relato de Rayane. Figura (01):

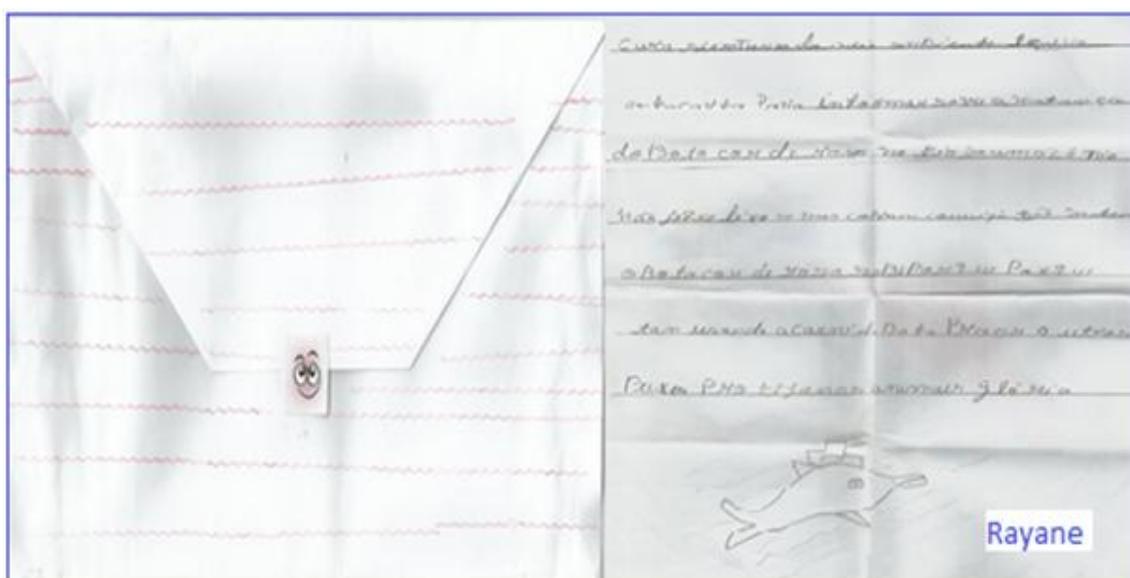


Figura (01): da atividade carta de preservação à espécie aquática do boto.

Fonte: SANTOS, 2015.

No relato da estudante, percebe-se a preocupação em manter os seres dos rios intactos, já que fazem parte do ambiente em que ela reside, e a natureza é muito importante para garantir a sobrevivência de sua família, já que é por meio dela que eles tiram seu sustento, na agricultura e no plantio de açaí, e sem o equilíbrio fica impossível garantir a salvação das espécies aquática e terrestre, segue abaixo:

Caro secretario do meio ambiente escrevo esta carta para informar sobre a ação do homem, com a matança do boto cor de rosa no rio da Amazônia, peço que não joguem lixo no mar “colaborem comigo”, porque polui, não mandem matar o boto cor de rosa, sabe por que estão usando a carne do boto para pescar outros peixes, protejam os animais. (Rayane, 10 anos, sic).

Essa atividade despertou, ainda, as lembranças dos estudantes, que contaram as histórias tradicionais vividas por seus antepassados, a respeito da espécie aquática do Boto, que por muito tempo foi respeitada por sua encantaria sobre o domínio de sedução que tinha sobre as belas jovens em noite de luar, destacando que essa história despertava o respeito ao ambiente natural, por parte do povo ribeirinho e caboclo da região Amazônica.

Vale destacar que as crianças que tinham dificuldade para escrever mostravam suas interpretações em formas pictóricas, ilustrando o processo de encantamento que as belas jovens sofriam sobre o domínio do boto, além de retratarem, de forma inanimada, a transformação do peixe em homem e mostrar que seu segredo de encantamento que se esconde debaixo de seu chapéu como na imagem representado por Rodrigo:

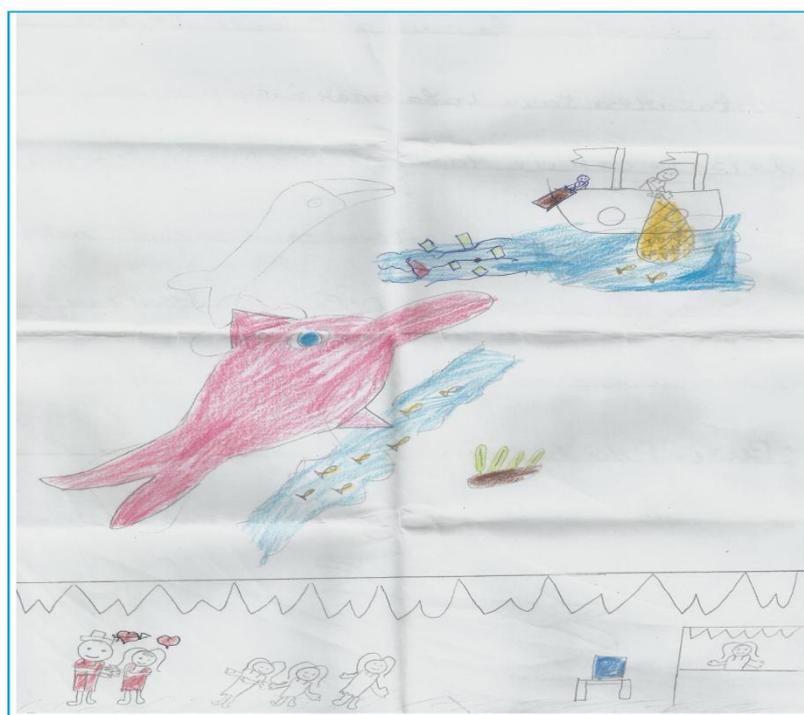


Figura (02): da atividade carta de preservação à espécie aquática do boto

Fonte: SANTOS, 2015.

Além do desenho o estudante traz em seu relato uma das histórias que são contadas pelos caboclos ribeirinhos sobre à encantaria do Boto cor de Rosa pelas mulheres amazônica que ele julga de extrema beleza. O fato

aconteceu em um dos municípios interiorano do estado do Pará, as margens do rio Guamá.

Lá no interior, um pouco mais longe da onde eu morro, meu tio matou um boto, mais não foi porque ele quis, é porque ele ia levar a mulher dele para o fundo do mar, ela estava ficando muito pálida e não saía de perto do rio, porque ela dizia que esperava pelo seu amado, que saía do mar para vê-la. (Rodrigo, 08 anos, sic).

No relato trazido pelo o estudante, nota-se a relação do homem com a natureza, e o temor e respeito a esse encanto sobrenatural, que pode desestruturar todo um processo harmônico de relação familiar. Loureiro (2001) fala da importância da aceitação do sobrenatural em convívio com o naturalismo Amazônico.

Aceitação espontânea de episódios como esse, reflexo de uma espécie de aceitação de dois mundos entrelaçados no cotidiano, representa um dos suportes psicológicos de compreensão de relatos verdadeiros como o do Boto, o grande amante insaciável das mulheres ribeirinhas. (LOUREIRO, 2001, p. 207).

Todo esse processo de aprendizado se torna dinâmico e motivador de novas ações de cuidado e prevenção, ou seja, com a finalidade de diminuir o impacto de diversas ações desastrosas ao longo do tempo que o homem causou e vêm causando no meio ambiente. Haja vista que, nos relatos de convivência dos estudantes com seus familiares sobre o meio ambiente é algo rotineiro e os mesmo percebem o quanto o espaço a onde vivem vêm mudando, com a interferência do homem.

Desta forma, fomentar esses processos iniciais de cuidado e preservação em estudantes da educação básica permite compreender e explicar a relação dos homens entre si e com a natureza, além de resgatar as culturas passadas por meio de ligação dos saberes, relacionando-os com um mundo imaginário e estético que ocorre na natureza.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É valido destacar que no início, os alunos demonstraram algumas dificuldades ao desenvolver suas cartas, Já que cinco destes estudantes ainda estavam no nível pré- silábico, ou seja, as crianças exploravam tanto os

critérios qualitativos (variando o repertório das letras ou a posição das mesmas sobre o texto escrito, sem alterar a quantidade de signos) ou os critérios quantitativos (variando a quantidade de letras de uma escrita para outra, sem preocupação com as propriedades sonoras, ou seja, as crianças escreviam o texto de acordo como pronunciava a palavra).

Sendo assim, foram trabalhados os desenhos que as crianças apresentavam sobre a realidade da comunidade em que vivem em seu espaço ambiental, bem como os pequenos textos e cartas que foram redigidos pelos demais alunos que se ajudavam compartilhando as ideias e leitura dos textos dos colegas. Após terem conseguido chegar a um acordo individual do que iriam escrever ao secretário do meio ambiente, começaram a demonstrar interesse e buscar informações que pudessem esclarecer as dúvidas que surgiam em sala de aula, em torno da preservação da espécie do boto cor de rosa.

Dessa forma, desenvolver um trabalho que contemple a vivência no espaço ribeirinho, nos faz perceber como educadores que a vida em determinado local e movido por acontecimentos, que rompe todo o processo de subjetividades das pessoas que habitam esses espaços, essas rupturas se configuram por meio de sua cultura, costumes, educação, política, que são empregadas e os impulsionam a seguir, muitas vezes por falta de informação.

Assim, fazer a ligação das atividades com as vivências dos estudantes em meio à rotina de vida de seu espaço ambiental, nos fez perceber que as histórias contadas pelos povos ribeirinhos potencializam saberes que não são introduzidos nas aulas de ciências, por meio dos estudos culturais, da educação ambiental, geografia, português, história, matemática etc.

Haja vista que, quando utilizamos temas pertinentes que movimentam as ideias para criarmos ou adequarmos assuntos que envolvem temas de ciências que contribuem com o ensino e aprendizados diversificados dos estudantes, tal como a temática da educação ambiental que é um assunto que movimentam diversos aspectos como os mananciais aquáticos (água) e os seres que dele dependem, como a espécie do Boto cor de Rosa, e a cultura por meio dos seus costumes e seus contos, culinária, medicamentos caseiros de ervas medicinais etc. Valorizando a identidade do povo que sobrevive deste espaço, além de

resgatar seus costumes e tradição por meio da educação. Maciel (2003) define o espaço terrestre como um corpo integral:

Se olharmos a terra como um corpo integral, poderemos comparar que seus rios são como placentas que detém a vida, se contaminarmos teremos perdas irreparáveis em que outras gestações serão incertas porque os limites de sua fertilidade já estão ameaçados e o ciclo de sua vida é finito (MACIEL, 2003.p.117).

Concordando com a autora, a água é um dos mais importantes recursos minerais que potencializa a vida no planeta terra e das espécies que depende dela, é sabemos hoje que esse recurso é um bem finito, logo, a atividade direcionada com o conto envolvendo a temática da carta de preservação da espécie do Boto cor de Rosa, com enfoque interdisciplinar no ensino de ciências, não foi desenvolvida com o propósito de mostrar uma fórmula pronta de ensino, mas sim, com a certeza que possa contribuir como novas atividades nas aulas de ciências com o resgate e valorização da cultura local, para estudantes das ilhas, da zona rural e urbana, já que os problemas ocasionados pelos impactos ambientais acontecem simultaneamente nestes territórios terrestres e aquáticos.

AGRADECIMENTOS

Ao Instituto de Educação Matemática e Científica – Universidade Federal do Pará (UFPA), a instituição de fomento CNPq, pelo apoio e colaboração para que essa pesquisa se tornasse realidade. A minha orientadora e professores da instituição (UFPA) por toda colaboração com as leituras e disciplinas ministradas durante minha atuação no programa de mestrado, a vocês meus sinceros agradecimentos.

REFERENCIAS

BEZERRA, Arrerêet al. **Lendas e Mitos da Amazônia**: Concurso de monografias. Rio de Janeiro, 1985.

CAMPOS, Ademar da Silva, **Conhecendo as raízes do Brasil: História e Cultura dos Povos Indígenas**. – ed.- Belém, pá: cultural Brasil, 2015.

DISPONÍVEL em
youtube, <<https://www.youtube.com/watch?v=ag12GQsgGCk>>. Matança de
botos na Amazônia. Acessado em: 02/08/2015.

GALLO, Sílvio. Transversalidade e educação: pensando uma educação não disciplinar. **O sentido da escola**, v. 2, p. 17-41, 2000.

GODOY, Arlida Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de administração de empresas**, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica**: uma poética do imaginário. São Paulo: Escrituras, (Obras reunidas) 2001.

LOPES, Celi Aparecida Espasandin. **A probabilidade e a estatística no ensino fundamental**: uma análise curricular. 1998.

MACIEL, Ana Amélia de Araújo. O grito ribeirinho: **eco da educação ambiental em escola da Amazônia**. – Imperatriz, MA: Ética, 2003.

MICHAEL Angrosino: Etnografia e observação participante; Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.

SANTOS, D. O ensino de ciências e linguagens nos anos iniciais do ensino fundamental: **um exercício da interdisciplinaridade**: Congresso Brasileiro de Extensão Universitária- Belém: UFPA, 2014.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez Editora, 2014.

SHINN, T; Pascal, R. Controvérsias sobre a ciência: **por uma Sociologia trans-versalista da atividade científica**- 34 ed. São Paulo, 2008.